Ano I — 1945 Março-Abril N.º 2

SEMPRE PRONTO

NÚMERO AVULSO 1$00
Assinaturas de 6 números... 6$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro
Administrador
Capitolino Ferreira Macedo
Redactor
Manuel António Palma

Propriedade do Grupo N.º 94 dos Escoteiros de Portugal

BIMENSÁRIO

COMP. E IMP.: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

CAVALEIROS DE S. JORGE

(PALAVRAS AOS ESCOTEIROS)

Houve tempo em que a injustiça e a crueldade dos homens, filhas da truculência despótica dos chefes, da ignorância crassa dos povos e dos instintos sem freio das multidões, impunham a fôrça bruta por suprema lei, a satisfação dos apetites animais por único objectivo da vida humana. Era necessária, indispensável, uma salutar reacção de tudo o que ainda havia de bom e de belo no coração dos homens dessas remotas épocas medievais, a opor-se ao descalabro das sociedades de então, em perigo de descambarem no caos social em que os aglomerados humanos se não tornariam muito diferentes das alcateias de lôbos, entredevorando-se na mais bestial das lutas pelo simples direito de viver a vida que Deus concedeu aos homens para que a vivessem em paz e amor . . .

Nesses velhos tempos, ai dos fracos e dos desprotegidos, ai dos que precisavam de um pouco de carinho e amparo para viverem, para respirarem, para agradecerem a Deus a graça da vida que só é merecida, na realidade, quando ela significa uma ascenção contínua para o Bem e para a Beleza, para a Perfeição, em suma.

Mas a salutar reacção surgiu felizmente. E se com a evolução dos tempos a civilização humanizou a primitiva fera que era o homem, não conseguiu, contudo, fazer desaparecer da face da terra a Injustiça e o Mal, o Egoísmo e o Ódio. Uns e outros trabalham numa luta sem quartel, por recuperar o terreno perdido, levando de vencida os sentimentos de piedade e de amor pelo próximo, de solidariedade e de sacrifício por tôdas as causas justas e nobres. A mocidade de todos os países e de tôdas as raças, fremente de ideal, sempre generosa e altruísta, por amor da própria vida que em si palpita, não podia deixar de se impressionar fortemente ante esta luta sem tréguas do Mal e do Bem.

Assim se propagou ràpidamente nos tempos medievais a mística generosa da Ordem da Cavalaria Andante. Assim nos tempos modernos nasceram e se propagaram os conceitos sublimes do generoso apóstolo do Homem Perfeito que foi Baden-Powell, criador genial dessa verdadeira Ordem da Cavalaria de S. Jorge, que é o Escotismo.

Milhões de rapazes de todo o mundo se abrasavam já nessa nova mística de paz e de amor, de generosidade e de compaixão, de ordem e de justiça, de dignidade e de trabalho, de obediência ao Dever a cumprir, e de respeito pela pessoa humana, mística apoiada na triologia fundamental de *Deus, Pátria e Família.* Na verdade, só em estados de alma, limpos de baixos e ruins sentimentos, espíritos abertos a todos os generosos impulsos, podem os homens viver a vida em superior beleza que é a melhor felicidade terrena que lhes é dado fruírem.

Os escoteiros portugueses, jovens cavaleiros da Ordem de S. Jorge, orgulhosos da sua generosa e nobre missão, porfiam no cultivo da sua lei sagrada, dos seus mandamentos nobilíssimos, dos seus costumes perfeitos.

Assim robustecem o corpo e depuram o espírito, afim-de se conservarem «sempre prontos» para o bom combate contra o Mal, isto é, contra o Ódio, a Corrupção e o Egoísmo que procuram dilacerar a Humanidade. Neste combate, todo aquêle que forjou as suas armas na chama viva dos ideais escotistas não conhecerá jamais o desfalecimento nem a descrença, o tédio nem a dor, a tristeza nem a renúncia. E na sua marcha vitoriosa para um futuro melhor, o caminho percorrido ficará sempre a assinalar-lhes a passagem triunfal com um rasto imperecível de luz.

AFONSO DOS SANTOS
Presidente da Direcção dos Escoteiros de Portugal

Capitão Dr. Manuel Gomes dos Santos

Os novos acabam de perder um bom conselheiro e um verdadeiro amigo. O escotismo perde um dos seus melhores elementos. O Sr. Dr. Gomes dos Santos, aquêle entusiasta que, de coração aberto, corria a dar a sua colaboração a tôdas as actividades que tivessem em vista a cultura e a educação da juventude, quer elas fôssem promovidas por organismos em destaque, quer por colectividades humildes, descansou dos seus trabalhos em 16 de Janeiro findo, poucos dias depois de ter saído o primeiro número do nosso jornal com o seu último trabalho literário, o artigo «A Escola do Ar livre», muito apreciado pelos nossos leitores, mas que o nosso saüdoso colaborador já não chegou a ver impresso. O Dr.

Gomes dos Santos foi acometido sùbitamente de um ataque de apendicite e deu imediatamente entrada no Hospital da Estrêla, onde foi ainda tentada uma operação cirúrgica, mas não foi possível efectuá-la em virtude do seu estado, vindo a falecer dias depois.

A vida do Dr. Gomes dos Santos constitui um exemplo e uma inspiração para todos os novos. Filho de família honesta, mas pobre, tirou o Curso dos Liceus lutando com enormes dificuldades, ao ponto de ter de leccionar instrução primária, para se poder manter a si e ajudar a família. O serviço militar apanhou-o no 7.º ano do liceu, mas mesmo assim, com excepcional fôrça de vontade, não interrompeu os estudos e fêz o seu exame com a classificação de 15 valores. Poucos dias depois o seu esquadrão foi mobilizado e partiu para o sul de Angola, onde fêz uma campanha de 14 meses, prestando relevantes serviços e suportando as maiores privações.

Regressou doente ao continente. Mas logo que se encontrou restabelecido, ao mesmo tempo que cumpria os seus deveres militares, matriculou-se no Curso de Direito e concorreu à Escola do Exército, ao curso oficial do activo. Terminou êste curso classificando-se, entre 90 alunos, em 5.º lugar. Formou-se em Direito com altas classificações.

Não satisfeito ainda tirou o «Curso Superior Colonial» e as cadeiras da Faculdade de Letras de «Psicologia Geral» e «Estudos Brasileiros», sempre com as melhores classificações.

Foi durante 12 anos professor do Colégio Militar. Actualmente era professor dos Pupilos do Exército. Espírito empreendedor, activo, tolerante e franco, colaborou num grande número de organizações culturais e educativas e, de boa vontade, dava sempre a sua cooperação a tôdas as obras de juventude. Em 1934 foi nomeado presidente da Comissão Executiva dos Escoteiros de Portugal, cargo que exerceu com muita dedicação.

Fundou o núcleo de Propaganda Educativa «Novos de Portugal» e era dirigente dedicadíssimo da Comissão Infante D. Henrique da Sociedade de Geografia. Foi também, director adjunto dos Serviços de Camaradagem da Mocidade Portuguesa. Últimamente tinha sido nomeado Superintendente dos Serviços Culturais dos Escoteiros de Portugal e em 1943 fêz uma brilhante conferência na sessão comemorativa do 9.º aniversário do Grupo n.º 94.

Mas deixemos que êle próprio fale da sua actividade:

«Certamente que não procurei a fortuna material, nem situações que outros, mais afortunados ou com mais faculdades, terão alcançado.

A beleza e a grandeza dos ideais que abracei e as batalhas que tinha de travar contra as condições de atraso, rotina, indolência e, muitas vezes, feroz e sórdido egoísmo, que tanto degradam infelizmente uma grande parte da sociedade portuguesa —todos os elementos de estudo e factores de encorajamento e nobilitação que a Providência me proporcionou e a minha iniciativa e experiência conquistaram: — Eis o único **tesouro** que consegui acumular durante uma existência de trabalho, investigações, esfôrço e sacrifícios, com o alto objectivo de contribuir para uma benéfica transformação da nacionalidade portuguesa».

Tais foram, segundo as suas próprias palavras, os ideais do Amigo que baixou à sepultura no dia 17 e em cujo funeral se encorporaram muitos professores, oficiais do exército e da armada, representantes de organismos culturais, desportivos, campistas, alunos dos pupilos do exército e muitas outras pessoas.

Fizeram-se representar a D. A. F., os grupos n.ºs 5, 9, 17, 85 e 93. O 94 e o «*Sempre Pronto*» foram representados pelo nosso Director Sr. Eduardo Ribeiro.

À família enlutada apresentamos as nossas sentidas condolências.

O escotismo feminino nos Estados Unidos

O escotismo feminino dos Estados Unidos, faz parte da organização escotista universal, movimento que tem por objectivo estimular o amor pela Pátria, ao mesmo tempo que promove o sentido da boa camaradagem e amizade entre todos. A admissão é facultada a tôdas as raparigas, sob bases estruturalmente democráticas.

Nos primeiros dias de Março de 1912, regressou aos Estados Unidos, vinda de Inglaterra, Mrs. Juliette Gordon Low profundamente impressionada com os brilhantes resultados alcançados pela Associação Britânica de Girl Guides (Escoteiras), fundada dois anos antes pelos seus amigos Lord Baden-Powell e sua irmã Agnes Baden-Powell.

Convencida do interêsse que o movimento despertaria entre as raparigas americanas, sugeriu a uma professora sua amiga, a ideia de se fundar um clube de raparigas para as suas alunas. A 12 de Março numa reünião em casa de Mrs. Low comunicou: «Tenho uma ideia que interessa não só às raparigas da nossa cidade, de tôda a América, como também às de todo o mundo. Lancemos ombros à sua organização e iniciemo-la já esta noite». E assim se organizou o primeiro grupo americano de Girl Guides. Trinta e um anos mais tarde, a escassa dúzia de componentes haveria de se ampliar para mais de 625.000 raparigas.

Tôdas as raparigas, dos sete aos dezóito anos, podem requerer a sua admissão. Os programas, contudo, são elaborados, consoante as idades. Dêste modo, formaram três escalas que compreendem as «Brownies», dos sete aos dez; as «Girl Scouts», dos dez aos catorze e, finalmente, as «Senior Girl Scouts» dos catorze aos dezóito.

No acto de admissão, as raparigas devem pronunciar o seguinte juramento:

«Juro pela minha honra fazer tudo por cumprir os meus deveres para com Deus e com a Pátria ajudar os meus semelhantes e obedecer às leis do escotismo feminino.»

As leis exigem que a rapariga seja honesta, leal no trato, útil para com o seu semelhante, amiga e cortês para todos, obediente aos seus superiores, alegre, frugal, e pura de ideias, palavras e acções. Ao prestarem o juramento, submetem-se a um código de honra e moral, reconhecido e seguido pelo escotismo feminino e masculino de todo o mundo.

A actividade escotista auxilia a rapariga na difícil arte de tratar com o seu semelhante e de cada grupo fazem parte 24 raparigas, dirigidas por uma chefe, cuja função é mais de conselheira do que pròpriamente de comandante.

A rapariga aprende a ser boa dona de casa, é estimulada no cultivo das artes, da literatura e da arte dramática, pratica desportos, é instruída em questões de higiene e segurança e aprende os fundamentos em que assenta a amizade internacional.

Em qualquer época do ano, as «Girl Scouts» organizam passeios e acampamentos, gozando durante alguns dias a vida livre e pura de contacto com a natureza, nadando, remando, dançando e cantando com a alegria própria de raparigas da sua idade.

Estas jovens estabeleceram recentemente o «Fundo Escotista da Vitória», para «atenuar o sofrimento das crianças de todo o mundo». Promovem também, freqüentemente, a realização de reüniões que estreitam os laços de amizade que devem existir entre raparigas de todos os países.

Falta de espaço

Por absoluta falta de espaço somos forçados a reter muito original, entre o qual uma parte da Secção Técnica e uma entrevista do Sr. João F. M. Martins com o dirigente do Circuito Campista à Serra da Estrêla. Pedimos desculpa aos nossos leitores e colaboradores. Estas deficiências serão remediadas logo que o *Sempre Pronto* passe a MENSAL como é nosso desejo.

De Escoteiro para Escoteiro

Considerações àcêrca do Compromisso

O método educativo escotista é duma beleza e dum valor, que não necessita já da nossa defesa e podemos considerá-lo como uma Obra consagrada pela experiência, não só dentro da nossa organização, como ainda noutros organismos de juventude que, em todo o mundo, têm aproveitado as suas concepções.

Todavia, o mais digno de ser apreciado no Escotismo é a perfeição dos pormenores e a exactidão com que os processos utilizados correspondem, não só às necessidades e aspirações da juventude, mas também às mais modernas conclusões da medicina, da psicologia e da pedagogia, quanto ao problema educativo. Todos êstes factos nos levam à convicção de que Baden Powell não foi só vocacionado, mas verdadeiramente inspirado por Deus para conceber, no momento mais oportuno, um método educativo de que a mocidade de todo o mundo iria tirar enormes vantagens.

Foi, portanto, absolutamente compenetrado da importância de tal princípio que Baden Powell teve o cuidado de colocar, antes de tôdas as bases morais e técnicas, como primeiro dever do escoteiro—o amor e o serviço de Deus, da Pátria e do semelhante. Êle sabia e muito bem que a tarefa educativa do escotismo resultaria nula, se não fôsse orientada para um objectivo mais alto, que constituísse um verdadeiro Ideal, e êsse objectivo resumiu-o o Chefe Escoteiro nos dois primeiros artigos do Compromisso.

Não temos nós, talvez, sido suficientemente cuidadosos na observância do Compromisso, o que deve justificar a decadência do Movimento em Portugal. Fazemos muito campismo, temos muitas preocupações de ordem técnica, mas deixamos, muitas vezes, de orientar essas nossas actividades no sentido de nos tornarmos cada vez mais aptos ao cumprimento do nosso Ideal. Tem faltado a «alma» ao Movimento e hoje ainda estamos vivendo à sombra dos actos de verdadeiro heroísmo praticados pelos nossos camaradas dos primeiros quinze anos do escotismo em Portugal.

Procuremos nós, escoteiros-séniores, orientar de futuro a nossa acção de conformidade com o Compromisso de Honra que prestámos, demonstrando em todos os nossos actos o mais arreigado amor de Deus, traduzido por um constante desejo de honrar a nossa Pátria e de servir o nosso semelhante.

Procedendo assim, estaremos ainda honrando a memória do inspirado fundador do Escotismo.

BALU

Conversando

Com os guias de patrulha

Das considerações que fizemos no último número, parece ter ficado bem em evidência que a harmonia, a amizade e a camaradagem são condições essenciais à actividade de qualquer patrulha e que o guia deve ser o centro dessas virtudes e o exemplo dos restantes escoteiros no cumprimento da Lei.

Estamos convencidos de que todos os guias de patrulha estão procurando crear nas suas unidades o ambiente propício ao desenvolvimento destas qualidades, pelo que agora é altura de vos desvendar um segrêdo. O verdadeiro segrêdo do progresso e do êxito de qualquer patrulha. Não julgueis, no entanto, que vamos fazer qualquer revelação sensacional. Trata-se de uma coisa muito simples, que todos os guias deveriam conhecer, mas da qual muitos andam esquecidos e outros parecem ignorar. Resume-se numa única palavra — **Programa.**

Programa geral de actividades e programa de cada actividade. De preferência no fim de cada mês, a patrulha reúne e, em conjunto, estabelece o programa de actividades para o mês seguinte. É esta a melhor oportunidade que os membros da patrulha têm para apresentar sugestões, propor iniciativas, lembrar *Boas Acções*, a que o guia deve prestar a sua melhor atenção e deixar que as propostas sejam, por todos, discutidas e apreciadas. Desta troca de ideias surge o plano de actividades a realizar, de iniciativas a tomar, cujo programa deve ser meticulosamente organizado.

Algumas vezes acontecerá que os membros da patrulha não se encontrem todos de acôrdo a propósito de qualquer iniciativa ou actividade. Então o guia faz sôbre o assunto as considerações que julgar mais convenientes, presta todos os esclarecimentos que lhe fôrem solicitados e submete a divergência a votação. Será observada a vontade da maioria e, imediatamente, a minoria se submete à decisão tomada, trabalhando todos como se estivessem de perfeito acôrdo.

Pronto o programa é êste entregue ao Chefe do Grupo para aprovação. No fim dêsse mês de trabalho, a patrulha voltará a reünir para estabelecer o novo programa e o guia terá o cuidado de passar em revista o trabalho realizado, transferindo para o mês seguinte aquilo que não foi possível fazer.

No próximo número continuaremos a trocar impressões e contamos falar no programa da reünião de patrulha. Até lá vão os guias diligenciando orientar, neste sentido, as suas actividades e mandem dizer quais foram os resultados.

RIBEIRO.

UM ÊXITO

A publicação do nosso jornal causou verdadeiro entusiasmo nos grupos de escoteiros de todo o país. De tôda a parte nos chegaram aplausos e felicitações, palavras amigas incitando-nos a prosseguir na tarefa que a nós próprios impusemos. Agradecemos a todos os amigos que nos manifestaram a sua simpatia e afirmamos-lhes que procuraremos melhorar o «*Sempre Pronto*», contando para o êxito da nossa iniciativa com a colaboração constante de todos.

O «*Sempre Pronto*» não é órgão oficial do Escotismo, mas deseja servir intensivamente todos os organismos escotistas — especialmente os Grupos—estimulando actividades, apontando valores, pondo em foco deficiências que precisem ser resolvidas.

Daremos, também, de boa vontade a nossa cooperação a todos os organismos que, noutros sectores, trabalhem pela cultura e pelo revigoramento físico e espiritual da juventude, estando neste caso os núcleos que se dediquem à prática do campismo bem orientado.

«*Sempre Pronto*» não recebe auxílio de qualquer entidade associativa. O Grupo n.º 94 financiou a publicação do primeiro número, mas não pode continuar a fazê-lo. O jornal terá de viver por si próprio. Para isso contamos com o interêsse de todos pelo jornal, traduzido pelo esfôrço comum de o fazer propagar.

Quanto ao primeiro número, temos fortes razões para estar satisfeitos, visto que se encontra quási esgotado, sendo justo destacar a entusiástica cooperação dos nossos agentes no Norte e no Algarve. Também nos está prestando bom auxílio em Lisboa o dedicado escoteiro do «9», Sr. Manuel de Sousa Coelho.

Se se mantiver — do que estamos convencidos — o espírito de cooperação e boa vontade manifestado, esperamos que nos será possível, em breve, publicar o «*Sempre Pronto*» mensalmente.

Actividades do Grupo n.º 94

Conforme anunciámos, no dia 7 de Janeiro, o 94 apresentou cumprimentos de Ano Novo à sua Direcção. Depois da leitura da saüdação pelo sub-chefe e da tradicional devolução das chaves da sede, o Sr. Joaquim Rosa Baptista, presidente da Direcção, voltou a entregar as referidas chaves como prova da sua confiança nos dirigentes do Grupo e manifestou o seu aprêço pela actividade e constante progresso do «94». Seguidamente o Sr. Tenente António Gomes Rocha, usando da palavra em nome da Direcção, fêz um brilhante discurso pondo em foco o valor educativo do escotismo e afirmou a sua fé em que a acção da juventude há-de contribuir para a construção de uma sociedade mais perfeita. A cerimónia terminou com o agradecimento do Chefe do Grupo, tendo prestado Promessa o novo escoteiro Joaquim Furtado Faia.

No passado dia 14 de Janeiro, para treino de guias, a Patrulha de Estudo «Cão» efectuou uma excursão pedestre pelo Pôrto Brandão, Charneca, Corroios e regresso por Cacilhas. Foram prestadas diversas provas de orientação, previsão de tempo, etc.

Vai ser reorganizado o Grupo "Um„?

Passa no dia 9 de Abril a data em que o Grupo n.º 1 comemorava o seu aniversário. Há 33 anos que na União Cristã da Mocidade se organizou o primeiro grupo de escoteiros que existiu no continente português. E não dizemos em Portugal, porque um ano antes tinha sido organizado um grupo de escoteiros em Macau, que teve breve existência em virtude do seu fundador, o sr. Comandante Melo Machado, então Governador daquela nossa colónia, ter regressado à Metrópole.

Quando nos preparávamos para fazer referência a esta data, chegou-nos a notícia de que se estudava a possibilidade de reorganizar o «Um». Trata-se duma notícia susceptível de entusiasmar todos os escoteiros, estejam ou não ao serviço activo. É que o Grupo n.º 1— o grupo da A. C. M.—tem grandes tradições no escotismo nacional. Organizado por figuras das quais nos recordamos com saüdade e respeito, como Roberto Moreton, Rodolfo Horner e Frank Giles, por êle passaram dezenas de escoteiros, muitos dos quais têm ocupado e alguns ocupam ainda, lugares de chefia em Grupos, Regiões e até na própria Direcção do movimento. Muitos dos antigos escoteiros do Grupo n.º 1 têm posição de destaque na Sociedade e todos êles honram, com as suas qualidades de trabalho e dotes de carácter, os princípios por que se orientaram na mocidade.

O «Um» tomou parte em grande número de actividades associativas e os seus membros praticaram actos de verdadeiro heroísmo em diferentes momentos difíceis e, sobretudo, no Grupo «1», da Rua das Gaivotas, fazia-se escotismo no sentido mais elevado da palavra. A Lei do Escoteiro era a verdadeira norma do agrupamento e deve ter sido êsse o segrêdo do seu êxito.

Pensa-se em reorganizar o Grupo n.º 1! Estamos certos de que a Direcção dos Escoteiros de Portugal e a Direcção da Associação Cristã da Mocidade, vão dedicar a êste assunto o seu maior interêsse e boa vontade. Pedimos, no entanto, que se não faça uma simples tentativa sujeita a fracasso certo.

Reorganize-se o «Um», mas em bases sólidas e entregue-se a sua chefia a um dirigente capaz de o reintegrar nas suas tradições. Nestas circunstâncias, estamos convencidos de que a iniciativa terá a cooperação entusiástica de todos os seus antigos escoteiros.

Êste número foi visado pela Comissão de Censura.

Coisas do Norte

Bons Escoteiros do Norte:

O «*Sempre Pronto*» na sua tarefa de tornar melhor e mais conhecido o nosso movimento publicou já o seu primeiro número, e, como deveis compreender, a tarefa levada a cabo pelo Grupo n.º 94, publicando o «*Sempre Pronto*» é tão grandiosa, no momento que atravessamos, que nós nos devemos orgulhar de haver Escoteiros com tão grande iniciativa. É necessário, porém, que nós os ajudemos na sua ingrata tarefa, e, para isso, o «*Sempre Pronto*» conta com os Escoteiro do Norte.

Notícias: A Região do Norte dos Escoteiros de Portugal acaba de realizar o seu mais ardente sonho; ter uma Sede regional. Mercê do esfôrço de todos os seus dirigentes e, em especial da boa vontade do seu Escoteiro Chefe Regional, do antigo Chefe do 91, Sr. Armindo José Ribeiro, actual Tesoureiro Regional, e do Secretário Regional, podem os Escoteiros do Norte sentirem-se orgulhosos porque é já um facto a Sede Regional. No nosso número anterior fizemos referência aos trabalhos encetados para tal realização e hoje apraz-nos registar que tão belo trabalho foi realizado. Estão de parabéns todos os Escoteiros do Norte.

A Sede Regional, situada no Muro dos Bacalhoeiros, 79, 2.º, encontra-se localizada de modo a bem servir os interêsses de todos os Grupos, visto que fica relativamente acessível, tanto para o Grupos do Pôrto, como para os de Gaia, e, embora modesta, com uma pequena varanda, voltada com duas janelas para o Rio Douro, é suficientemente boa e muito interessante.

Poderão, assim, de futuro, os serviços da Região do Norte satisfazer cabalmente as necessidades que ùltimamente se vêm sentido nesta Região.

Comemorou no passado dia 10 de Fevereiro o seu VI aniversário o Grupo n.º 91.

Realizou também um *raid* à Serra de Valongo o Grupo n.º 44.

Segundo nos consta o Grupo n.º 15 tem preparado activamente as suas patrulhas para época de campo que se avizinha.

O Grupo n.º 4 tem estado inactivo, mas esperamos que a Primavera lhe dê calor...

O «*Sempre Pronto*» pode ser procurado da Sede de todos os Grupos da Região Norte ou no Quiosque dos Congregados, na rua Sá da Bandeira, junto à Igreja.

PENA D'ÁGUIA

ATENÇÃO! DAQUI ALGARVE

Grupo N.º 60—Vila R. de St.º António

Conforme noticiámos no último número do nosso jornal, subiu à cena no dia 12 de Janeiro p. p., a festa artística que êste Grupo estava a ensaiar, sendo a mesma repetida quatro vezes, uma delas em benefício do «Socorro de Inverno».

Devido ao enorme sucesso alcançado pela nossa festa, e a pedido de vários amigos e da Delegação do Club Náutico de Portugal, repetimos ainda pela 5.ª vez, êste espectáculo no dia 5 de Fevereiro.

Êste Grupo deslocou-se no dia 21 de Janeiro p. p., a Olhão, para tomar parte nas festas do XX aniversário do Grupo n.º 6, daquela Vila, exibindo alguns dos principais números do nosso espectáculo, que muito agradou.

Grupo N.º 6 — Olhão

Realizaram-se nos dias 18 a 21 de Janeiro p. p., as festas do vigésimo aniversário dêste Grupo.

Abriu as festas uma lindíssima e valiosa exposição de trabalhos manuais, que foi bastante concorrida e admirada por todos os que tiveram o prazer de a visitar.

No dia 21, depois da chegada dos Grupos 77 e 60, teve lugar na Sociedade Recreativa Progresso Olhanense, a sessão solene comemorativa do aniversário do Grupo, tendo o nosso ex-Comissário Regional, Sr. João Trigueiros, feito uma brilhante prelecção sôbre o Grupo n.º 6, lembrando aquêles que passando pelo mesmo, e contribuindo para a sua fundação e expansão, descansam agora na eternidade, bem como os que presentemente se encontram entre nós, prestando o seu valoroso auxílio ao movimento.

A seguir o 6 exibiu uma peça escotista, uma engraçada comédia e um grandioso acto de Variedades, no qual tomaram parte o 60 e o 77.

Grupo N.º 64 — Portimão

Êste Grupo que há já algum tempo se encontra sem actividade, em virtude de lhe ter sido retirada a verba com que a Câmara Municipal o auxiliava, vai agora entrar em actividade. Esperam os escoteiros portimonenses pela inauguração do novo quartel dos Bombeiros onde vão ficar agregados.

Desejamos ao 64 que êste ano seja um ano de ressurgimento e de grande actividade escotista, fazendo votos para que os Grupos de barlavento possam despertar da inércia em que ùltimamente se têm encontrado e possamos confraternizar todos num Acampamento Regional a realizar êste Verão.

M. TACÃO

DOS AÇORES

Uma boa notícia

Por proposta do Chefe Regional dos Açores, Sr. Virgílio Lory, foi determinado que entre em reorganização o Grupo n.º 52 de Angra do Heroísmo e foi reposto na chefia do mesmo o Sr. José do Couto de Sousa. O «*Sempre Pronto*» alegra-se com esta notícia e deseja felicidades e *boa caça* ao «52».

Louvor

Por proposta do mesmo Chefe Regional, foi louvado o Sr. Fernando Soares de Macedo, digno Chefe do Grupo n.º 80, Ponta Delgada, «pela sua notável acção como dirigente competente do referido Grupo».

SECÇÃO TÉCNICA

Sob a direcção de MANUEL PALMA



Vamos acampar

Já chegaram as andorinhas. E com elas a promessa de óptimos acampamentos.

Preparemo-nos pois para isso. Mas antes de mais nada, precisamos de saber, como havemos de preparar e arrumar todo o nosso material.

Precisamos, como é óbvio, duma tenda e dum saco alpino, ou mochila como soe dizer-se.

Dentro do saco arrumaremos o material necessário, fugindo de levar tudo quanto é dispensável. Arrumaremos o cobertor ou manta, uma camisa de flanela, uns calções e meias de lã. Não nos esqueceremos também dos artigos de higiene, tais como: toalha, sabão, pente, escôva de dentes e pasta, assim como um pequeno espelho.

A cantina, é desnecessário lembrá-la. Pois que sem ela, muitas dificuldades teríamos, para a organização dos nossos «menus». O talher também não nos esquecerá. E, eis tudo. Estamos prontos para partir...

Não nos esqueceu nada? Vejamos.

E os espeques para a barraca? os respectivos esticadores? E estacas? Vai tudo?

Se fôr uma patrulha para o campo, é fácil dividir tudo pelos escoteiros, mas se forem só dois ou mesmo um, terá que levar tudo sòzinho. Sôbre iluminação, uma pequena lanterna eléctrica de algibeira resolve o problema; ou então um pequeno candeeiro de petróleo, como os que usamos nos Grupos.

Isto é tudo quanto se refere a simples campistas, mas se se trata de escoteiros o caso muda de figura. Porquê? Porque necessitam de muito mais material miúdo que passamos a enumerar.

Não faltará a espia, uma boa porção de cordel, canivete, machado-martelo, saco de lona para água e finalmente... a vara.

Estamos prontos para partir. A caminho.

O meio de transporte parece-nos também assunto a considerar. Há os que preferem o caminho de ferro, camioneta, automóvel, etc., e por último os que compreendendo melhor, preferem fazer os seus percursos a pé. Talvez sejam êstes que mais avisados, gozarão e aproveitarão do passeio a realizar.

Chegados ao local, falta-nos escolher o lugar para acampar.

Tem êste certos requisitos que convém nunca esquecer. Local arejado e longe de lugares pantanosos, charcos ou terrenos onde afluam as águas. Escolheremos de preferência local de terreno leve ou arenoso, bem abrigado dos ventos fortes, bem exposto ao Sol nascente, e com uma boa sombra durante o verão, sendo possível.

Escolhido o local, começaremos por levantar as nossas tendas, evitando o alinhamento militar.

Depois das tendas levantadas, cercá-las-emos com a respectiva vedação, com a espia que tivemos o cuidado de levar.

Embora esta vedação nada vede, representa para o escoteiro que o terreno onde levantou a sua tenda, está à sua guarda e o terreno que fica a cercá-la lhe é sagrado. Tudo quanto interessa ao escoteiro saber sôbre o simbolismo desta vedação lhe será explicado pelos seus chefes ou guias de patrulha, mas não nos ficará mal se lhe dermos algumas explicações sôbre tão importante assunto.

Esta vedação representa para o escoteiro ou campista que a máxima ordem deve reinar no acampamento; que há uma só entrada para o mesmo, pela abertura que simboliza a entrada.

Fora dela tudo nos é sagrado. Desde a árvore solitária à propriedade privada. Que o campista não pode, como muitos julgam, marcar o seu nome, a canivete ou a machado, nos troncos das árvores, abandonar detritos de tôda a espécie fora dela, demonstrando que não fazemos mau uso da propriedade alheia.

É-nos vedado igualmente sujar ou conspurcar as águas dos poços ou nascentes de que nos servimos, dando assim uma garantia segura ao dono da propriedade da seriedade das nossas intenções.

Depois de tudo isto falta-nos instalar cozinha, latrina, etc.... e para o próximo número continuaremos.

O sonho de Rodrigo

O Rodrigo, o filho do Manuel Pereira, desejava entrar para o grupo de escoteiros que se tinha formado na vila. Mas havia uma dificuldade ¿como é que seu pai, modesto lavrador que vivia sòmente do fruto do seu custoso trabalho, poderia dispender dinheiro na compra do uniforme? O Rodrigo não podia responder a esta pregunta. Mas gostava tanto de entrar para aquêle agrupamento!

Ainda na última reünião o chefe tinha-lhe contado o que era uma noite de acampamento:

«Já o Sol há muito se escondera, sucedendo ao alegre cantar das avezinhas o ruído estridente das cigarras, e ainda os escoteiros, rodeando a fogueira do «Fogo-do-Conselho», entoavam as suas lindas canções, cujo eco se perdia no silêncio da floresta.

«E o despertar? Como era soberbo o panorama do nascer do Sol! Primeiro, uma nesga muito encarniçada no alto da montanha; depois, uma grande bola vermelha inundando de luz a vastidão do horizonte.»

Mas não era só por isto que Rodrigo desejava ser escoteiro. Êle tinha muita admiração por aquêles que praticam o bem; e os escoteiros são rapazes que têm como principal objectivo bem-servir o seu próximo. Rodrigo ambicionava, pois, pertencer a essa grande família de auxiliadores da humanidade.

E a farda? Como é que a poderia comprar? O chefe tinha-lhe dito que não desistisse; tudo se havia de arranjar. Mas Rodrigo é que não compreendia como se poderia ser escoteiro sem uniforme.

Pensando neste assunto, que se revestia para êle da maior importância, Rodrigo dirigia-se para a escola, quando foi arrancado das suas meditações pelo Joaquim Ruço, um seu conhecido, que lhe gritou:

—Eh Rodrigo! sobe «prá quí» escusas de ir a pé.

Êste não se fêz rogado e, dum salto, pôs-se logo ao lado do Ruço que seguia numa galera carregada de feno. Confiou-lhe imediatamenle a causa das suas preocupações.

—Deixa lá, «home»—disse-lhe no fim o Ruço—se não puderes ser escoteiro, paciência, não é das coísas que fazem mais falta.

Rodrigo não pôde concordar com o seu companheiro e encolheu os ombros sem dizer nada.

Pela mesma estrada seguia o sr. Júlio, rico fazendeiro da região, homem estimado e respeitado pela sua bondade.

—Vou dar o meu lugar ao sr. Júlio,—disse Rodrigo, lembrando-se que era êste o dever dum escoteiro.

—Não dês, palerma,—respondeu o Ruço,—faz de conta que não o viste!

Mas o Rodrigo desceu prontamente da galera e ofereceu o lugar

àquêle senhor, que, sorrindo, dizia para o Ruço:

—Aquêle rapaz é muito bondoso...

—Anda aborrecido. Quere ser escoteiro mas não pode comprar a fardamenta, — comentou o Ruço.

—Pobre rapaz! O Manuel deve realmente ter dificuldade em fazer essa despesa...

E continuaram dialogando o resto do trajecto.

* * *

Rodrigo foi nesse dia à sede dos escoteiros. O chefe recebeu-o prazenteiramente e, chamando-o à parte, disse-lhe:

— O verdadeiro escoteiro é aquêle que está «sempre-pronto» a praticar o bem, mesmo nos casos de menor importância. Hoje, Rodrigo, fôste um verdadeiro escoteiro e, por isso, mereces ser louvado. A ti pareceu insignificante a «boa-acção» que praticaste, contudo, já recebeste a recompensa. O sr. Júlio, sabendo que tinhas dificuldade em comprar o uniforme, acaba de me enviar o dinheiro necessário para a sua aquisição. Termino incitando-te a prosseguires na prática da «boa-acção», não com o sentido de auferires bens materiais, mas com o desejo de bem-servir, de seres útil ao teu semelhante.

O nosso Rodrigo não conseguiu articular qualquer palavra; estava muito comovido porque se tinha realizado o seu maior sonho — possuir um uniforme escotista!

JOEL RIBEIRO

Caro Leitor: Interessa-te o SEMPRE PRONTO? Propaga-o entre os teus amigos.

A FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL

Interessou muitos antigos escoteiros a ideia de organizar a Fraternal dos Antigos Escoteiros. Muitos nos manifestaram verbalmente a sua concordância, mas poucos nos escreveram. Temos em nosso poder alguns nomes e endereços, mas daquêles, que verbalmente, nos manifestaram o seu aplauso, ainda não recebemos carta.

Estamos certos de que vamos receber em breve a sua correspondência e publicar no próximo número todos os nomes e endereços.

IMPRENSA

Deram-nos o prazer da sua visita, que muito agradecemos, os seguintes prezados colegas:

«*Natura*»; revista de saúde e educação física, com colaboração de grande oportunidade.

«*Raio de Sol*»; interessante revista infantil que se publica no Pôrto.

«*Portugal Novo*»; de Lisboa, órgão da Juventude Evangélica Portuguesa.

«*Gazeta do Sul*»; agradecemos, penhorados, as palavras de simpatia com que êste nosso prezado colega acolheu o primeiro número do nosso jornal.

«*Ecos de Belém*»; também êste nosso prezado colega, acérrimo defensor dos interêsses de Belém e arredores, se referiu ao nosso aparecimento com palavras de amizade, que reconhecidos agradecemos.

«*Semeador Baptista*»; igualmente êste nosso estimado colega de Leiria, órgão da Igreja Baptista, se referiu com simpatia ao aparecimento do nosso jornal. Agradecemos.

No rumo da Lei

Em Janeiro, no incêndio do Asilo Nuno Álvares, vimos um escoteiro do Grupo n.º 9 auxiliando os bombeiros. Por modesto que tenha sido o seu trabalho, demonstra desejo de ser útil e simptatia, bem merecida, pelos bombeiros.

Intercâmbio epistolar escotista

Entroncamento — Deseja corresponder-se com escoteiros doutros pontos do país o escoteiro Luís Máximo de Oliveira, de 22 anos, do Grupo n.º 84, sendo a sua residência em Ponte da Pedra.

Deseja trocar correspondência com um irmão-escoteiro do Grupo n.º 60 de Vila Real de Santo António, o guia de patrulha, Eduardo da Silva Guia, de 19 anos, do Grupo n.º 84 com residência em Vaginhas.

Lisboa—Deseja trocar correspondência com um irmão-escoteiro do Grupo n.º 77 de Faro, Mário Jorge de Aguiar, de 18 anos, morador na Rua Sebastião Saraiva Lima, 51, r/c.

Com um irmão-escoteiro do Grupo n.º 91, de V. N. de Gaia, deseja corresponder-se o guia de patrulha do Grupo n.º 53, Samuel Vieira, de 16 anos. Reside na Rua da Indústria, n.º 24, 2.º esq.º

O escoteiro Custódio Viegas, do Grupo n.º 79, morador na Trav. da Amoreira, n.º 33, r/c., d.to, deseja trocar correspondência com um irmão-escoteiro da sua terra natal —Olhão.

Esperamos que todos os Grupos nos quais se solicita correspondente se interessarão pelo assunto, correspondendo ao apêlo, visto que o intercâmbio tem um grande valor educativo, contribuindo para um melhor conhecimento do trabalho escotista em diversos pontos do país, para fortalecer laços de camaradagem, para troca de ideias e iniciativas e servindo, ao mesmo tempo, para divulgar as belezas naturais das diversas regiões do país.

Escotismo no Entroncamento

O "84" em marcha

O Grupo do Entroncamento que iniciou há cêrca de um ano a sua reorganização, tem feito nítidos progressos e encontra-se bastante florescente, tendo tomado parte em acampamentos e festas realizadas em Lisboa, dando provas de uma dedicação digna do maior louvor. Possui, presentemente, um efectivo muito considerável e conta com o carinho e a simpatia da população daquela próspera localidade, tendo conseguido manter, com exemplar tenacidade, a sua principal tradição—a Banda de Música.

Por iniciativa do Presidente da Comissão de Patrocínio do «84», Sr. José Duarte Coelho, a Banda efectuou com êxito, um concêrto no dia 30 de Janeiro, no Cine Teatro Parque, daquela localidade, repetido com brilhantismo em 6 de Fevereiro. Neste último concêrto foi também apresentado um interessante orfeão infantil, ensaiado pelo Regente da Banda, Sr. José Dionízio.

O produto de ambos os espectáculos, que tiveram grande concorrência, reverteu a favor do Socorro de Inverno.

«*Sempre Pronto*» felicita o camarada João Amorim, Chefe do «84» e todos os que nesta unidade associativa trabalham, em especial os Srs. José Duarte Coelho e José Dionízio, desejando novos êxitos à obra escotista no Entroncamento.

Alberto Borges de Mendonça

No passado dia 27 de Janeiro, embarcou no paquete Angola, com destino a Lourenço Marques, onde vai fixar residência, êste nosso amigo e irmão-escoteiro, antigo sub-chefe do Grupo n.º 2, a quem desejamos muitas felicidades e bom êxito na sua nova carreira profissional.

Consideramos assinantes tôdas as pessoas a quem enviamos o nosso jornal e não o devolvam dentro de 8 dias, tanto mais que só tomamos a liberdade de remeter o «Sempre Pronto» a pessoas a quem esperamos que o mesmo possa interessar.



Têm a palavra os pais

FOI ASSIM MESMO

Já vai longe o tempo, perto de trinta anos, em que na então *União Cristã da Mocidade*, ali ao Conde Barão, passava alguns bocados junto dos rapazes que constituíam o grupo de escoteiros privativo daquela tão útil agremiação.

Nado e creado em bairro populoso e pobre, onde pululavam os garotos, daqueles que o sentido pejorativo da palavra melhor nos apresenta, agradava-me, com os meus dezóito anos, ser espectador dos exercícios que, no pequeno ginásio à entrada, os rapazes faziam em alegre e sã chilreada atentos e obedientes às ordens ou conselhos de um mais espigadote, cujo nome (1) ainda conservo na memória em grata recordação.

Que diferente tudo aquilo era, comparado com o que no meu bairro via e ouvia! Que diferente aquela obediência provinda do meio educativo em que viviam, comparada com as respostas tortas, do mais torto que podia haver, dadas pelos rapazes do meu bairro sem consideração por pessoas ou idades! Por isso me sentia bem junto dos escoteiros, cuja disciplina e correcção despertavam em mim o vivo desejo de ser escoteiro. Brincadeiras; jogos; compostura; numa palavra: tudo aquilo me seduzia de tal forma, que não tardei em propor a um amigo da mesma idade o ingressarmos no grupo, pois sòzinho não ousava enfrentar o ridículo que naquele tempo era andar de calção um tamanhão como eu.

Parece ainda ressoarem aos meus ouvidos a gargalhada estrídula e forte com que foi recebido o meu convite. Desapontado, vexado até, experimentei todos os argumentos possíveis e imagináveis para, como dique, opor às chasqueadoras palavras do meu amigo que não podia aceitar o facto de nós, genuínos filhos de Alcântara, ali aparecermos de «cuecas e pau e corda» como êle dizia andarem os escoteiros.

Separámo-nos, aborrecido eu por não ter aliciado aquêle que me parecia ser o melhor. Paciência! Não o tentaria com outro para evitar mais motejos, e, resignado me fiquei.

Nos calendários, as fôlhas caíam sucessivamente como se arrancadas fôssem por mãos enfurecidas acumulando-se para trás, na minha vida, os anos. Cresci. Fiz-me homem. Constituí família, e as saüdades que mais jovem curtira por não ter sido escoteiro, ressurgiam como a Fénix da fábula com o nascimento de um filho. O gaiato ia crescendo na altura em que predominava a organização dos Adueiros. Em acampamentos de grupos ou regionais, desfiles, festas, etc., era sabido lá encontrarem-se pai e filho. Não foi o pai escoteiro, pois não? Não importa! Sê-lo-á o filho, era o meu pensamento constante. Mas,—malvada adversativa que tantas arrelias causa às vezes—enorme obstáculo me esperava em casa representado por tios e avós a oporem-se a que o «menino, coitadinho, tão enfezado e macilento» se esfalfasse em caminhadas e correrias ou perdesse noites ao relento. Teima para aqui, arrelia para acolá, fui obrigado a contemporizar.

Por fim tudo mudou. Invadiu o luto o meu lar, e, pela fôrça das circuntâncias, deuterógamo, transmiti com o meu lar à nova companheira a responsabilidade de velar pelo órfão. Pesado encargo na verdade, jamais que o rapaz se apresentava num estado que nos causava sérias apreensões. Melancólico, macilento, com falta de apetite, atrofiado, via-se logo tratar-se de planta fechada em recinto sem luz, nem ar. Não! Não podia ser assim! O rapaz precisava de ar, de muito ar. Mas como, se não tínhamos possibilidades de o mandarmos para a província? Ah! sim? Pois bem! Para trás sentimentalismos piegas e... zás, escoteiros com êle. O que fomos fazer!? Os protestos que tal decisão provocou nos tios e avós, são fáceis de calcular, mas passado algum tempo, já o rapaz parecia outro. O aspecto melancólico, anorexia, macilência, tinham desaparecido como por encanto, tocadas pela varinha mágica da Natureza. Foi tão rápida e tal a metamorfose operada que causava verdadeira admiração a todos que conheciam aquêle «menino enfezadinho e macilento».

Ora o tal amigo que há perto de trinta anos me ensaboava o juízo com os meninos de «cuecas e pau e corda», continuava sendo meu vizinho e, depois de ter visto o rapaz uniformizado, ao encontrar-me, não se conteve sem me brindar com o epíteto de «maduro».

Habituado como estou a assim ouvir apelidar muitos que com entusiamo e sinceridade se devotam a teorias ideológicas, religiosas ou filosóficas, não me zanguei, provando-lhe que grave preocupação abandonou o meu espírito, depois de meu filho ter começado a praticar o Escotismo. De nada isso serviu rindo-se com a minha opinião de que meio Portugal seria escotista se... isso desse em moda. Conversámos e separámos-nos como bons amigos que somos. Continuaram a rolar, meses sôbre meses, até que no verão passado o meu amigo se fêz campista. Cantei vitória aguardando novo encontro para troca de impressões o que não tardou muito. Porém, ao contrário das evasivas ou desculpas por mim esperadas em réplica às minhas objecções, respondeu-me com sorriso jovial e bonacheirão, enquanto uma das mãos — carfológica a denotar embaraço, sem hesitar a denotar já hábito — se encaminhava para um dos bolsos de lá saindo com um papel dobrado em quatro que me entregou dizendo:

—Toma! Toma lá porque gostas disto.

Abri. Li e não pasmei! Era... uma proposta para o seu grupo campista!

Confesso. Preenchia mais tarde com o nome de meu filho, não porque um saco alpino às minhas costas me envergonhasse ou pesasse aos meus quarenta e quatro, mas porque era a melhor partida que podia fazer ao nosso herói que já concorda não ser feio andar tôda a gente de «cuecas e pau e corda».

.....

Não se trata de ficção ou fantasia. «Foi assim mesmo» como diz o título a encimar êste artiguelho e, a atestá-lo estão além dos factos que falam mais alto e muito conhecem, a robustez física de meu filho, as suas magníficas côres adquiridas com a prática de exercícios ao ar livre; o testemunho do ex-chefe do «setenta e nove», Sr. Brazuna, a quem devo ter protegido o neófito quando do seu ingresso no movimento e por fim o meu já célebre amigo que a estas horas talvez nos esteja a ler, soltando não aquela gargalhada estrídula e forte, mas deixando escapar um sorriso jovial e bom que se habitua a ter com campistas, outrora escoteiros e que ainda não deixaram extinguir em si a chama sagrada do ESCOTISMO.

FAUSTINO LEITÃO

(1) Refiro-me a Albano da Silva, ao tempo secretário da Direcção da União e graduado (guia, creio) do Grupo.

Francisco Fino, L.da

Fábrica de Lanifícios de Portalegre

•

Rua 1.º de Maio
Telefone 103
PORTALEGRE

DEBATES

Dos inúmeros vícios que vão assolando a mocidade do nosso tempo, tais como o vício do fumo, a praga do futebol e outros mais, um há que merece uma refererência especial. Refiro-me ao vício da dança. Chamo-lhe vício, porque o prazer da dança, quando é compreendido no verdadeiro sentido, constitui um espectáculo artístico e agradável à nossa vista. Mas, infelizmente êsse espectáculo, que teve a sua primitiva na alta sociedade, com relêvo especial nas festas reais, foi passando pelas diversas camadas sociais até chegar às massas populares.

Transformado num prazer sensual, passou a ser um dos divertimentos mais preferidos pela juventude de hoje. Vemos então, rapazes e raparigas, num contacto quási directo, desfilando maquinalmente diante dumas músicas desconcertantes, por vezes sem qualquer harmonia, até se perderem, arruïnando a sua saúde e a dos seus. Nos bailes nada há de vantajoso, principiando pelas salas onde é praticado, que em muitos casos nem para cocheiras serviam, até ao estado de saúde em que, na maioria das vezes, os pares se encontram. Muitas mais razões tínhamos para meditar com mais atenção neste assunto, mas fiquemos por aqui.

Certamente, que os prezados leitores ao principiarem a ler estas palavras as acharão descabidas neste jornal. Mas não, pois é com bastante desgôsto que nós vemos muitos Grupos de Escoteiros utilizarem êste divertimento para as suas festas e até, em muitas ocasiões, para complemento da sessão solene do seu aniversário.

Não podem pois, aquêles que fazem os possíveis por cumprir o melhor que podem os ensinamentos do Escotismo e que vão usufruir as regalias concedidas pelo Creador nos dias passados nos seus acampamentos, ficar indiferentes a êste estado de coisas.

E assim, se são dirigentes, procurem a forma de acabar com o bailarico dentro das suas festas, se são escoteiros meditem um pouco nas desgraças que podem advir do baile e façam os possíveis por se pôr à altura dos seus Princípios.

Se isso acontecer, devemos observar com prazer que teremos uma mocidade mais forte, mais pura que poderá dar maior impulso a esta Obra maravilhosa que é o Movimento Escotista, para bem da nossa Pátria e para bem dum Mundo melhor.

Àvante, pois, todos contra o bailarico no Escotismo!

CAPITOLINO F. MACEDO

Maria Fernandes Couto

No passado dia 13 de Janeiro descansou no Senhor a Sr.ª D. Maria Fernandes Couto, espôsa do Sr. Arnaldo José Couto e mãe extremosa dos Srs. José Ernesto Couto e Arnaldo Eduardo Couto, Chefe do Grupo n.º 91 e delegado do «*Sempre Pronto*» no Norte e sogra da Sr.ª D. Maria Margarida Araújo Couto.

O funeral, que foi muito concorrido, saíu no dia seguinte de casa da falecida em Vila Nova de Gaia, tendo-se realizado um serviço religioso na Igreja Evangélica do Bom Pastor no Candal. Encorporaram-se grande número de escoteiros, especialmente dos Grupos n.os 44 e 91.

«*Sempre Pronto*» apresenta sentidas condolências à família enlutada e, em particular, ao nosso bom amigo e camarada Arnaldo Eduardo Couto.

Fernando Ferreira da Silva Caetano

Trasladado de S. Vicente de Cabo Verde, onde um lamentável desastre o vitimou, chegou no *Guiné* o corpo do nosso saüdoso irmão-escoteiro Fernando Ferreira da Silva Caetano, membro do Grupo n.º 94 e filho do nosso amigo Sr. Tenente Silva Caetano e de sua Ex.ma Espôsa. O funeral realizou-se no dia 23 de Fevereiro findo, para o Cemitério dos Prazeres, tendo-se encorporado muitos amigos do extinto e pessoas de família.

O Grupo n.º 94 fêz-se representar no funeral por dois escoteiros e pelo Chefe, que representava também o nosso jornal.

Grupo Campista Estrêla

Agradecemos o programa das actividades do mês de Fevereiro que êste próspero Grupo Campista teve a amabilidade de nos enviar. Por êle tivemos oportunidade de apreciar a sua persistente actividade, pois indicava para o referido mês quatro excursões ciclistas e duas pedestres. As nossas felicitações.

Administração

Tiveram a gentileza de nos remeter as importâncias de suas assinaturas, o que muito agradecemos, os seguintes amigos:

Sr. João Chaubert Alves
Sr. Manuel Tavares da Silva
Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim
Sr. Alberto Borges Mendonça
Sr. Raúl Costa
Sr. Rui Martins Fernandes.

Notícias do Estrangeiro

Novo Chefe dos Escoteiros Inglêses

Foi nomeado chefe dos escoteiros inglêses o Tenente-coronel Lord Rowallan, antigo dirigente escotista, que sucede a Lord Somers, falecido o ano passado.

Lord Rowallan tem 49 anos, é oficial reformado, tendo prestado serviço tanto na guerra passada, como na actual. Combateu na retirada de Dunquerque com os restos da 51.ª Divisão.

VISITA CULTURAL

Dedicada a sócios auxiliares, a escoteiros e a suas famílias, a Comissão de Propaganda e Cultura do Grupo N.º 94, realiza no Domigo, 11 de Março corrente, pelas 15 horas uma visita ao Museu de Artilharia. A concentração faz-se no Largo fronteiro e foi convidado para dirigir a visita o Sr. Tenente António Gomes Rocha.

ASSINANTES

Pedimos a todos os nossos assinantes o favor de nos enviarem a importância de suas assinaturas em sêlos de correio de $50, em sêlos fiscais ou vales de correio.

O pagamento expontâneo das suas assinaturas constitui um ótimo serviço prestado ao nosso jornal e que muito agradecemos.

O ADMINISTRADOR

Uma festa no Grupo N.º 17

O «17» do Arieiro está a trabalhar. Assim o demonstrou na festa realizada em 14 de Janeiro findo no Ginásio do Alto do Pina, a que presidiu o Chefe Geral Adjunto Sr. David Baudouin.

Foi uma festa cheia de entusiasmo e durante ela prestaram Compromisso cinco novos escoteiros, foram condecorados outros dois e prestada homenagem a duas senhoras patrocinadoras do Grupo, uma das quais, a Sr.ª D. Albertina Duarte, entregou uma artística medalha ao «17» em reconhecimento duma B. A. prestada pelos seus escoteiros que extinguiram um incêndio numa sua propriedade.

Felicitamos o Chefe do Grupo, o nosso amigo Sr. Ferreira Martins, pelos êxitos alcançados e fazemos sinceros votos de *mais e melhor*. Agradecemos também a colaboração prestada ao nosso jornal, que foi vendido nesta sessão e aclamado pela numerosa assistência.

Escoteiro-Chefe Luís Tovar de Lemos

O E. C. Luís Tovar de Lemos, que desde há 3 anos vinha desempenhando com dedicação o cargo de Escoteiro-Chefe Geral, acaba de pedir a demissão do seu cargo.

Lamentamos o afastamento dêste Dirigente, escoteiro com 27 anos de serviço, de cuja competência muito o nosso Movimento poderia esperar. «*Sempre Pronto*» espera, porém, que o Escotismo não perderá a sua colaboração, ainda mesmo que esta seja dispensada por uma acção menos directa.

Aproveitamos o ensejo para agradecer as palavras de aprêço e simpatia que o Ilustre Chefe dirigiu ao nosso jornal.

Amigos do «Sempre Pronto»

Tiveram a gentileza de nos enviar as suas ofertas para auxílio da publicação do nosso jornal, evidenciando o seu alto espírito de colaboração, os seguintes amigos, a quem apresentamos os nossos melhores agradecimentos:

Eduardo Quintino Pinheiro	20$00
Armando Gomes Oliveira.....	19$00
Manuel Tavares da Silva	14$00
Fernando Gomes Carrão	9$00
Total.....	62$00

EM VIAGEM

Embarcou no dia 9 de Fevereiro com destino a Luanda, onde tem a sua residência, o nosso irmão-escoteiro Sr. António Rodrigues Barbosa, digno Chefe do Grupo n.º 36, «Diogo Cão», daquela cidade.

Também em 12 do mesmo mês, embarcou no *Lima* com destino à Madeira, aonde vai em visita ao trabalho presbiteriano, o Rev. Dr. Nathanael Emmerich, nosso dedicado amigo.

No *Guiné*, chegado a Lisboa em 20 de Fevereiro findo, regressaram de Cabo Verde os nossos particulares amigos Sr. Tenente Fernando Silva Caetano e sua Ex.ma Espôsa.